

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA**  
**CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE PARINTINS-CESP**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ENSINO DA HISTÓRIA: REFLETINDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO  
ESTÁGIO DOCENTE**

Lincoln dos Santos Tavares<sup>1</sup>

Mary Tânia dos Santos Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo se originou das experiências dos Estágios Supervisionados em História onde discutimos e articulamos a história local no debate em sala de aula. Apresenta a experiência das oficinas-aulas com apresentações de vídeos aos alunos do Instituto Federal do Amazonas – campus Parintins - IFAM com as discussões dos referencias teóricos trabalhados em sala de aula. O artigo perpassa pela experiência do estágio destacando as múltiplas formas de ensinar História partindo de temas da História local articulando espaços internos e ambientes externos do espaço escolar, envolvendo os discentes no processo histórico em que vivem valorizando-os como sujeitos históricos e incentivando a análise crítica histórica.

**Palavras-chave:** Ensino de história, história local; estágio supervisionado.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de História do Centro de Ensino Superior de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: [tavares.lincoln@hotmail.com](mailto:tavares.lincoln@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora. Professora doutora do curso de História no Centro de Ensino Superior de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas –UEA.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de um recorte do relato da experiência do estágio supervisionado em História, enquanto acadêmico do curso de licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP-UEA, dialogando com autores sobre a importância do ensino de história. Motivados pela experiência do estágio refletimos como o ensino de História pode ser motivador para estudos mais amplos da História.

### 1. Experiência de ensino de história

O Estágio Supervisionado em História II, disciplina que compõem o currículo da Licenciatura em História, ministrada no 7º período deste curso da Universidade do Estado do Amazonas no Centro de Ensino Superior de Parintins- CESP/UEA, foi constituído e embasado por leituras sobre a docência no ensino médio na educação básica.

Como parte da programação de atividades práticas, pedagógicas e conclusão do conteúdo da disciplina, os discentes, orientados pela professora Mary Tânia dos Santos Carvalho, realizaram e participaram também do evento: *Painéis temáticos históricos – “Discursos locais e os desafios contemporâneos do Ensino de História: Cidadania e cotidiano”*, ocorrido no dia 31 de maio de 2019, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, em Parintins, no estado do Amazonas.

O evento Painéis Temáticos em história, foi uma atividade proposta pela nossa orientadora professora Tânia Carvalho, em substituição aos Estágios Supervisionados nas escolas de Parintins, pois como houve greve dos professores estaduais e municipais no primeiro semestre de 2019, as práticas nas escolas foram canceladas.

Com a divisão da turma de estágio em 05 grupos, estes tiveram como tarefa produzir vídeos-aula, de no máximo 10 minutos de tempo para grupo, de acordo com a criatividade, aprendizados e entendimentos a respeito dos assuntos que foram estudados em sala de aula ao longo da parte teórica da disciplina de Estágio Supervisionado em História II. Na produção dos vídeos foi obrigatório a participação e exposição de todos os componentes dos grupos de estágio, pois todos estavam sendo avaliados.

Esses vídeos-produções foram apresentados aos alunos do IFAM- campus Parintins. A construção deste estágio foi composta por observações em sala de aula, apresentações das oficinas vídeos-aulas e a aplicação de um breve questionário.

O conteúdo dos vídeos foram pautados nos assuntos das apostilas que foram estudados e discutidos dentro da sala de aula, durante o percurso da disciplina de Estágio Supervisionado em História II, como por exemplo: *A importância da aula expositiva* - o porquê de usar essa metodologia, mesmo antiga, mas ainda muito usada, que dependendo do professor é a mais usada e eficaz no ensino-aprendizado; *A importância do ensino de História na escola nos dias atuais* - o objetivo de fazer os alunos compreenderem e se situarem no tempo e no espaço do contexto histórico de suas origens, dos seus familiares, da sua cidade, comunidade, estado e país. Destacando a importância destes como sujeitos participantes e pertencentes ao local, oportunizando espaço para o lugar de fala dos alunos e para valorização dos “novos” sujeitos encobertos pela história tradicional, ex: índios, negros, mulatos, mulheres e homens desconhecidos que lutaram contra a opressão e preconceito da sociedade.

Durante o estudo na disciplina, discutimos vários subsídios teóricos sobre Ensino em História, sobre a prática de ensino em sala de aula. Diana Farias de Oliveira, no seu Artigo “Aula Expositiva de novo? Limites e Possibilidades na aula de história, salienta:

A aula expositiva mostra-se como uma técnica de ensino de uso recorrente, que apesar das críticas a aula expositiva não desapareceu das salas de aula, sendo inclusive demasiadamente utilizada pelos os professores e solicitada pelos os alunos (OLIVEIRA, 2015, p.10).

A autora ainda enfatiza da importância do professor, não aquele que retém o conteúdo do currículo, o mero transmissor de mensagens, mas aquele que saiba usar a melhor técnica, a melhor abordagem dos assuntos da disciplina, utilizando os diversos meios para garantir uma aula expositiva atraente e interessante.

Assim, dando condições para que os alunos interajam com seus prévios e concretos conceitos, respeitando o pensamento e o comportamento de cada aluno sobre um determinado assunto. Criando condições para que a aula seja mais participativa e que o conteúdo seja mais assimilado, construindo cidadãos reflexivos e pensantes com senso crítico, com intuito de compreender a sua história local, regional e o mundo em sua volta.

Dependendo da técnica a ser usada é essencial a orientação do professor sobre o assunto a ser abordado, das técnicas a serem usadas na sala de aula ou fora dela, aula expositiva, exibição de filmes com recortes históricos, análises de mapas, teatros, revistas em quadrinhos, jogos de perguntas e interativas, visitas técnicas museus, casas de cultura, prédios turísticos e históricos das cidades e apresentação de vídeos-aulas ou lúdicos. Neste sentido:

(...) o estudo da história regional e local não deve limitar-se a bibliografias e explicações, existem outras fontes ainda não exploradas, como os museus, as casas de culturas, os monumentos históricos, entre outros, que contribuem muito para que alunos e professores possam melhor compreender as especificidades de um local (PAIM, 2007, p.108-109).

As oficinas realizadas no IFAM- campus Parintins, se tornaram importantes pela participação dos professores daquele educandário e pelos os alunos dos 3º anos, a eles foram dirigidas as oficinas-aulas, que teve como objetivo falar sobre a importância da educação histórica, dentro do contexto, local, regional, nacional e internacional. Estudar História é compreender o processo dos acontecimentos que ocorreram até chegar na realidade que vivemos hoje, nosso presente. “Mudar as práticas de ensino, fazendo o aluno ser crítico, capaz de questionar e de construir conhecimento juntamente com os professores dentro do processo de ensino aprendizagem” (PAIM, 2007, p.111).

Nas observações feitas, os alunos se mostraram bastante interessados pelas oficinas e vídeos transmitidos e produzidos pelos universitários, que continham mensagens sobre a importância da História na humanidade.

Transformar uma aula teórica com a prática é muito mais produtiva e prazerosa, pois é divertido e gostoso em aprender. Ter conhecimento fora de casa e fora da sala de aula, fácil de compreender e facilita também os nossos professores a ministrarem os conteúdos abordados em campo, ao contrário disso pode se tornar uma aula chata e cansativa.” (Depoimento de um aluno do 3º ano do IFAM).

Os questionários tinham como objetivo avaliação a respeito das apresentações das oficinas e vídeos e à docência dos estagiários da UEA nos “*Painéis temáticos do Ensino de História: cidadania e cotidiano*”. Esses questionários foram respondidos pelos alunos dos terceiros anos do Instituto e continha cinco (05) perguntas:

- 1) Como posso exercer a cidadania na atual sociedade brasileira?
- 2) Como podemos exercer a cidadania no nosso cotidiano?
- 3) De que maneira o preconceito está presente no seu dia a dia escolar e pessoal?
- 4) Há avanços quanto à participação das mulheres nos espaços públicos ou privados/ há avanços quanto a tomada de decisão quanto a que lugar devem estar ou ocupar?
- 5) Por que a educação histórica é importante para a formação do cidadão na contemporaneidade?

A pergunta que embasou a realização deste estudo foi “Por que a educação histórica é importante para a formação do cidadão na contemporaneidade? No total de dezoito (18) estudantes do IFAM – campus Parintins, dezessete (17) alunos responderam à questão e apenas um (01) aluno deixou em branco.

Com base nas respostas semelhantes dos indivíduos, agrupamos os dados coletados e fazemos análise de quatro blocos de respostas que consideramos ser importante:

**Bloco 1)** “*A educação histórica é importante para conhecer a sua própria sociedade e para não repetir os mesmos erros do passado*”. Diante dessa afirmação, na percepção dos alunos, que é necessário compreender todo um processo histórico de um país, estado, da cidade, da família onde o indivíduo se insere, conhecer os fatos que ocorreram de um passado negro, uma história de domínio, extermínio, exploração contra os atores locais que foram escondidos pela história, como por exemplo, as etnias indígenas que sofreram e que ainda sofrem com genocídios causados por governos autoritários, o preconceito da sociedade com relação aos negros, pardos e povos subalternos, assim como o racismo presente e impregnado na sociedade até hoje.

**Bloco 2)** “*Compreender a conjuntura atual da sociedade e o fortalecimento do pensamento crítico e caráter*”. O atual cenário político do país e demais países da América Latina, refletem muito na questão acima. Na eminência da volta de nova ditadura assola o Brasil, onde o governo atual incentivou o corte de diversos direitos e verbas voltadas para a educação brasileira, atingindo as universidades públicas, prejudicando, interrompendo e cancelando novos investimentos nas pesquisas em desenvolvimento, da ciência e saúde do Brasil. A educação básica sofreu com cortes de recursos financeiros e vem observando uma grande desarticulação nas políticas públicas de avaliação e planejamento, neste âmbito, além da crescente perseguição e campanha em várias regiões do país de depreciação, negatização do papel dos professores e o ataque as ciências humanas, da história, sociologia, geografia, antropologia, filosofia, etc, disciplinas importantes para a construção de pessoas pensantes-reflexivas com senso crítico capazes de transformar e revolucionar as questões históricas e contemporâneas do nosso país.

As políticas públicas para o meio ambiente, também estão sendo afetadas, o descaso e precarização, com aumentos das queimadas, diminuição de recursos de combate e fiscalização desses crimes, o sucateamento do IBAMA, órgão responsável pela fiscalização e aplicação de multas visando inibir crimes ambientais.

**Bloco 3)** “*É importante para que as pessoas não se tornem alienadas por falta de conhecimentos*”. A disciplina de história contribui para nos libertar, abrir o pensamento, nos faz conhecer nossos antepassados, dela construímos um pensamento libertador e crítico diante dos acontecimentos passados e atuais. A educação histórica não deve somente ser aquela dominadora, a tradicional, mas aquela que nos faz fazer revoluções e nos faça ter reflexões sobre as causas e lutas dos povos, engajar na luta do bem comum e combater as políticas dominantes.

Aos professores e universitários de história, se faz necessário desde cedo, com os alunos do ensino básico, propor e inserir nas salas de aula e fora delas novas formas de resistências, a luta começa pela introdução de conteúdos de histórias locais e regionais, as vivências e acontecimentos passados das comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas etc, regiões essas que ainda são influenciadas por uma política educacional dominadora, colonial e autoritária, desconstruir e lutar contra uma história única e oficial sulista. A valorização das culturas e costumes locais, festas, danças, música, lendas, memórias do povo e histórias orais de pessoas que ainda sobrevivem ou registros dos que viveram para construir uma nova história local.

**Bloco 4)** “*De que adianta estudar história se os únicos que são lembrados nos livros são os líderes e reis, os outros não são lembrados*”. No sentido da reflexão acima, professores e universitários na luta contra o colonialismo e eurocentrismo. Os estudos de novas fontes que retratam a História Local, inserir os novos autores encobertos pelo o tempo e uma política educacional tradicional, retratar somente os grandes feitos de heróis de guerra, datas e líderes não nos liberta do colonial, retratar sim, uma história feita por lutadores, trabalhadores, operários, negros, índios e mulheres contra a opressão do estado colonial. Esses novos atores sociais que devem ser inseridos nos livros didáticos e na disciplina de História.

Foi uma experiência muito importante, haja vista que contribuiu para o crescimento como futuros professores de História, importante, enriquecedora, para quem se dedicar para a prática do ensino histórico.

## **2. Refletindo partir da motivação da prática do estágio**

A experiência do estágio nos fez constatar que podemos valorizar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito de conhecimento histórico, em sala de aula, os alunos assim como o professor trazem um conhecimento a respeito de um determinado

assunto, que ouviram ou viram em algum lugar, seja por meio de jornais, livros, televisão. Esse conhecimento prévio pode ser utilizado pelo professor para incentivar o aluno a falar sobre determinados assuntos que ocorrem no dia-dia.

O professor pode fazer uma análise e incentivar os alunos a discutirem sobre o tema, fazendo críticas e pensando de que forma podem melhorar aquela determinada situação ou como fazer que não se repetisse, dessa forma, os próprios alunos acabam se reconhecendo como sujeitos críticos e agente da sua própria história.

No âmbito da orientação de inspiração construtivista, a linha de investigação em Educação Histórica coloca o enfoque na análise das ideias e dos processos de aprendizagem dos alunos. Os resultados de diversos estudos apontam para a ideia de que os alunos constroem as suas ideias sobre o passado partindo de uma variedade de fontes, como as mídias, o seu ambiente familiar ou os seus pais. Algumas destas ideias diferem ou mesmo contradizem aquelas que são trabalhadas na escola o que:

Torna-se importante que os alunos desenvolvam competências que lhes permitam construir explicações históricas com base em dados convergentes, divergentes ou mesmo contraditórios, mas sempre com a preocupação de aprender a validar as melhores respostas históricas. (AMARAL, 2012, p. 6)

A partir do momento que o aluno traz em sua bagagem um conhecimento prévio de um determinado assunto, experiência ou fato lido, isso contribuiu no processo de construção de novas ideias. É através de diálogos que o aluno expõe o que pensa sobre temas abordados em sala de aula. O conhecimento de cada discente contribuiu para o ensino de história que dialogue com o cotidiano do aluno.

AMARAL (2012) salienta que o aluno compreende a história a partir de três ideias: a primeira vem ser as ideias prévias, a segunda são as ideias substantivas que nada mais é do que os conteúdos da História (Paleolítico, nomadismo, cidade-estado, escravatura, democracia, reino...). E a terceira são as ideias de segunda ordem, essas são responsáveis por estruturarem o pensamento histórico organizam o conhecimento na disciplina de História. E a partir dessas ideias, o professor precisa ver a metodologia que mais se adequa a sala de aula para ser capaz de repassar para os alunos os seus ensinamentos através de métodos que possa chamar a atenção do aluno, para que possa participar mais das aulas.

A disciplina de estágio supervisionado é de suma importância para nós como futuros professores, onde se oportuniza o contato com a relação aluno e professor dentro de sala de aula, sob orientação de professores com mais experiência docente.

Essa primeira experiência docente contribuiu para compreendermos melhor a relação professores e alunos, onde precisa os conteúdos programáticos e propostas da área de conhecimento e valorização do cotidiano do estudante. (RIBEIRO, 2015, p. 171).

Os saberes que cada aluno possui, são adquiridos através da sua origem, sua cultura pessoal ou também da sua história de vida ou sua trajetória escolar e seus conhecimentos preliminares dos assuntos. Cada aluno carrega consigo o conhecimento adquirido ao longo do tempo e são esses conhecimentos que eles irão repassar e contribuir para os seus colegas de classe e o professor. Essa prática que ocorre em sala de aula nos faz pensar o quanto é importante para o aluno à forma de ensinamento do professor e articula novos métodos de aprendizagem, pois é na instituição escolar que as relações entre os saberes docentes e os saberes dos alunos defrontam-se com as demandas da sociedade em relação à reprodução, à transmissão e à produção de saberes e valores históricos e culturais. (RIBEIRO, 2015. p.169)

Segundo Renilson Rosa Ribeiro, a formação e prática do docente de História e a construção do conhecimento do discente:

“A partir do final dos anos 1990, tem havido uma preocupação por parte pesquisadores do ensino de História, de forma mais detida e problematizada, com a prática da sala de aula: a formação e a prática do professor de História e a construção do conhecimento pelos alunos. Tais estudos passaram a considerar a escola como espaço de produção de cultura, e não apenas transmissora e difusora de conhecimentos prontos; o professor de História e os alunos como criadores de interpretações de mundo no ensino de História. (RIBEIRO, 2015.p.155).

Através desse conceito percebemos como os métodos de ensino contribuem para a formação de sujeitos críticos tanto em sala de aula e fora do ambiente escolar. A partir do momento que o professor usar métodos e recurso que construíram para suas aulas ser atrativo e participativo. O aluno busca interesse no assunto abordado, e junta o seu conhecimento prévio com o conhecimento histórico que o professor apresenta na aula, assim ele poder usar, por exemplo as músicas que retrata sobre o assunto de uma determinada época.

Para o professor não é uma tarefa fácil o ensino da história, pois o professor tem que ter domínio do assunto em sala de aula. Ainda mais se ele estiver administrando à disciplina em duas ou mais turmas. O conteúdo passado em uma turma não ocorre da mesma forma na outra, os conteúdos são os mesmos, mas a forma de abordagem leva em conta a realidade de cada turma.



## 2.1 Usando fontes históricas em sala de aula

Como trabalhar as fontes históricas na sala de aula? Para (AMARAL, 2012) afirma que existem diferentes tipos de passado baseados em diferentes modos de leitura do presente. Nesta linha de pensamento, assume-se que os estudantes, tal como os historiadores, podem trabalhar com diferentes explicações analisando a sua validade através do cruzamento de informações fornecidas pelas fontes. Esta ideia parece fundamental para evitar situações de relativismo exagerado e não fundamentado, que levam os alunos a aceitarem todas as opiniões e pontos de vista como igualmente válidos.

Dessa forma, é importante salientar que a Educação Histórica se preocupa em desenvolver metodologias que ajudem a desenvolverem a capacidade crítica dos alunos, para que eles possam entender o espaço, o tempo e o contexto ao qual ele está inserido. Perguntas como: Quem? Quando? O quê? mas também ao como? E aos porquês? Ajudam nesse processo de busca pelo conhecimento. “Um vestígio histórico só se transforma em fonte histórica quando um historiador lhe faz perguntas” (AMARAL, 2012).

AMARAL et al (2012), trazem cinco dimensões que precisam ser trabalhadas para ajudar a desenvolver o pensamento histórico e nos ajuda a entender esse processo, ao qual, nós futuros professores precisamos aprender.

1. Orientação temporal: noções-chave de cronologia e abordagem dos conceitos de mudança e permanência.

2. Orientação espacial: uso de representações cartográficas para a compreensão histórica da utilização dos espaços e desenvolvimento de uma compreensão da mudança do espaço ao longo do tempo.

3. Interpretação de fontes: inferência histórica com base em fontes diversificadas quanto a mensagem, estatuto e linguagem.

4. Compreensão contextualizada: construção de quadros mentais do passado, historicamente válidos e coerentes, com a aplicação dos conceitos essenciais do programa; reconhecimento da diversidade e interação cultural; consciência da utilidade genuína da história para a compreensão abrangente do mundo.

5. Comunicação em História: uso de formas variadas de escrita, oralidade, TIC e expressões artísticas para comunicar e partilhar os conhecimentos históricos. A exploração dos temas em História a partir destes pressupostos leva a que os papéis dos alunos e do professor sejam repensados, bem como a metodologia de aula.

Analisando as cinco dimensões ao qual ele aborda, vimos que é importante utilizar diferentes fontes para determinado tema, pois esse é um dos fatores que ajudam na compreensão, bem como diferentes métodos de abordagem.

Uma das temáticas pertinentes à discussão sobre ensino de história nas últimas décadas se refere ao uso de fontes históricas na prática de sala de aula e mais especificamente desde o fim do século XX até o momento, com vistas à produção do conhecimento em sala de aula. Neste sentido Luiz Fernando Cerri e Angela Ribeiro Ferreira salientam que:

[...] os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, música e rítmica (CERRI; FERREIRA, 2007, p. 72).

O professor ao se utilizar da fonte histórica não a utiliza como os historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte. A fonte torna-se então, uma ferramenta pedagógica que poderá certamente auxiliar o professor na difícil tarefa de estimulação do imaginário do aluno na aprendizagem da história.

Para tanto, procuramos compreender como a fonte se estabelece para história dos historiadores, e como está se torna uma ferramenta interdisciplinar ao ser apropriada pelo ensino no processo de produção de conhecimento histórico em sala de aula. As fontes históricas devem ir além de meras ilustrações de conteúdo.

As fontes históricas são o material no qual os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. (PINSK, 2005, p. 07).

A utilização das fontes histórica não trata de buscar as origens ou a verdade de tal fato, trata-se de entender estas enquanto registro testemunhos dos atos históricos. É a fonte do conhecimento histórico, é nela que se apoia o conhecimento que se produz a respeito da história. Elas indicam a base e o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se buscam compreender. (SAVIANI, 2006, p.30)

Não se trata de formar pequenos historiadores, ou que estes estejam a par das discussões historiográficas, mas instigar através do ensino de história uma prática que Segundo Rüsen: “Permita ao indivíduo a indagação sobre o passado de forma que a

resposta lhe faça algum sentido no presente e que de alguma maneira esse sujeito encontre uma orientação histórica para a sua vida cotidiana”. (RÜSEN, 2007, p.133).

O professor age como um mediador e através do diálogo, ou seja, do entrelaçamento entre sua fala e a fala do aluno de forma dinâmica propicia a atribuição de novos significados sobre a história, sobre conceitos históricos. Este pode utilizar fontes históricas tentando circular assim uma interação entre um objeto da história e as representações que os alunos podem formar sobre a história.

Neste sentido conforme destaca Oliveira (2008):

Os monumentos são documentos e, portanto, passíveis de leituras, assim como os documentos não portadores da verdade, ou representam a verdade pura e simplesmente. São construídos com uma função bem definida, portadores de uma concepção de memória e de história, muitas vezes criados para se fazerem únicos na identificação de uma memória oficial. (OLIVEIRA, 2008, p.97).

Seguindo este pensamento, destacamos a proposta de Oliveira (2008), ao valorizar uso do patrimônio histórico como importante ferramenta para ensinar História passada e presente. Nesse sentido afirma que: “mesmo não sendo tão nova, afinal, não é de agora a utilização do patrimônio histórico como forma de ensinar história (...), insere-se ou ganha força com o *boom* da memória no fim do século passado e início deste”. (OLIVEIRA, 2008, p.96).

Carmem Gil (2014), sugere que podemos e devemos, como professores de História, trazer o patrimônio cultural para sala de aula, onde os estudos nos ajudem a:

Conceber as obras culturais como documentos; manter a relação com as obras culturais a partir das dimensões cognitivas, estéticas e afetivas; reconhecer e analisar o contrato e o afeto/desafeto que os alunos têm com essas obras, compreendendo que patrimônio é uma atribuição de valor e significado; valorizar a participação das comunidades locais na apropriação do seu patrimônio, contribuindo para a produção e a narração da história local (GIL, 2014, p.49).

Partindo do que aponta a autora, concordamos que ao valorizar a participação das comunidades locais, da narração de suas memória a seus patrimônios referências de vida, que compõem a história local, podemos ter ricas possibilidades de envolver alunos e familiares em uma dinâmica de aula que não precisa ficar focada dentro de quatro paredes.

Há muitas condições que desafiam<sup>3</sup> professores e alunos, sair das quatro paredes das salas de aula e levá-los (alunos), à prática-reflexiva para a compreensão do processo

---

<sup>3</sup> Muitos alunos da rede escolar, não estão interessados nem mesmo em ir as aulas e com isso apresentam desempenho baixo nas notas. A maioria de origem pobre precisam ir à escola, pois correm o risco das suas famílias perderem o Bolsa Família, programa social do governo federal que cede dinheiro às famílias

histórico da cidade em que vivem para que eles, possam viajar na imaginação histórica e se fazerem presentes nessa história sentindo-se efetivamente como sujeitos da História. Despertando o espírito investigativo-lúdico das aulas extras curriculares, como se fosse uma viagem de pesquisa. “A viagem do conhecimento depara-se adicionalmente com a ideia inédita da realidade de que o caminho da pesquisa deve ser construído a cada momento pelo próprio pesquisador” (BARROS, 2007, p.09).

Ao ensinar a história local e regional nas escolas se torna importante, pela valorização da própria história no convívio com a família, na comunidade e nossas relações sociais em nosso meio. Bitencourt (2004, p. 47) aponta como finalidade dessa disciplina na escola, de formar cidadão comum que necessitam de ferramentas intelectuais variadas para situar-se na sociedade e compreender o mundo físico e social em que vive”.

## **2.2 Como fazer então? Planejar é preciso**

Os benefícios das atividades fora sala de aula são inúmeras, além de prazerosas, une os conhecimentos teóricos e práticos, permitem desenvolver habilidades. Contudo, antes de qualquer prática externa, não devemos esquecer de fazer um planejamento claro e objetivo, onde haja estudos prévios dentro da sala de aula e que a saída em campo possa complementar com informações e contações que sejam capazes de contribuir na construção de conhecimento histórico.

Como salienta a neuropsicóloga Débora Moss:

...as atividades extracurriculares permitem o desenvolvimento de diferentes habilidades de acordo com suas características, bem como a cooperação, a socialização, a reflexão, a criatividade, a iniciativa, o desenvolvimento do raciocínio lógico e diversas formas de comunicação e expressão, por exemplo, além de ampliar as aprendizagens já adquiridas. (MOSS, 2016)

A atividade fora da sala, precisa ser bem planejada, o professor deve seguir todos os parâmetros educacionais dentro do seu espaço de trabalho, da sala do professores e pedagogos, o docente juntamente com suas turmas, deverá organizar seu plano de aula com os conteúdos que serão trabalhados dentro e fora da sala, o roteiro da atividade,

---

carentes, e, para não perdê-la “uma das exigências do programa é que as crianças e os adolescentes em idade escolar, igualmente estejam matriculados na escola e possuam uma frequência regular mínima de presença as aulas durante todo o ano letivo. A frequência mínima é 85% para crianças e adolescentes com idades entre 6 e 16 anos incompletos, e de 75% para adolescentes e jovens com idades entre 16 e 18 anos incompletos” (BRASIL/ BOLSA FAMÍLIA, 2020).

tempo previsto e o mais importante, como eles irão chegar no local? Através de que meio de transporte?

Se um objeto de estudo for próximo do prédio educacional, sugere-se ir a pé mesmo, para não haver nenhum custo, por outro lado, se o local histórico for distante, diante de um plano pedagógico, feito pelo professor e pelo gestor escolar, a escola deverá fazer a solicitação através de ofício ou requerimento junto a Secretaria de Educação municipal e de Transporte Escolar, solicitar ônibus para o transporte dos alunos e professor, o transporte escolar também é destinado para estas finalidades:

Segundo as normas do FNDE, os veículos do Transporte Escolar podem ser utilizados para outras atividades extras, desde que estejam previstas nos planos pedagógicos das escolas...podem ser utilizados para atividades desportivas e culturais; além de atender estudantes das escolas públicas da zona rural e da educação superior, conforme regulamentação a ser expedida pelos estados, Distrito Federal e Municípios. **(Uso adequado dos Veículos Escolares, CARTILHA 2019).**

Este trabalho não intenciona de forma alguma em substituir as tradicionais aulas por atividades extraclasse, pelo contrário, visa incluir como um complemento do processo educacional nas escolas municipais e estaduais de Parintins.

Os assuntos que serão abordados nestas atividades externas a escola devem ser precedidos de estudos prévios com os alunos, para que os mesmos possam dialogar com os colegas, sugere-se que os assuntos possam ser discutidos entre discentes e docente em período anterior das atividades de campo – por isso a importância do planejamento da aula e tema. Incentivando o estudo e instigar os alunos a pesquisa, possibilitando com isso a fazer questionamentos e reflexões da ida para espaços externos e históricos que possam ajudar a compreender e responder.

Fazer desenvolver neles a habilidade de observação daquilo o que os rodeia. Assim, aulas- passeios podem ser uma boa alternativa, em visita a locais de valor histórico na cidade de Parintins, por exemplo, nelas podem ser propostas cinco etapas das atividades conforme sugeridas por Caimi (2010):

- 1) Observar e registrar as marcas deixadas pelas sucessivas gerações que nos antecederam, observar aspectos como toponímia, estatutária, arquitetura, praças, rituais festivos e religiosos, paisagens e cultura rural, etc.

- 2) Buscar identificar e catalogar as edificações que contam parte da história local e posteriormente a montagem de um folheto e guia de turismo.

3) Visitar lugares formais e não-formais de memória, como museus, bibliotecas, sítios arqueológicos e arquivos. Os arquivos podem ser de familiares, municipais, paróquias, notariais, legislativos, de acordo cada contexto escolar e local.

4) Coletar e analisar documentos históricos, entendendo-os como obras humanas nos contextos sociais variados e com distintas intenções.

5) Observar as mudanças, permanências, semelhanças dos espaços levando em consideração do tempo; dos acontecimentos históricos e vivências atuais. Tirar fotos do antes e depois dos locais.

### **Considerações finais**

A experiência do estágio supervisionado partindo de temas da história local nos fez pensar possibilidades temáticas para ensino de História. Neste breve artigo indicamos algumas possibilidades para além da experiência inicial que tivemos no estágio.

Nas observações e problemáticas expostas que foi concebido e desenvolvido este artigo, foi em pensar em novas propostas e maneiras, em ensinar a disciplina de História fora da sala de aula, levar os alunos do ensino fundamental e médio em locais de âmbito e importância histórica na cidade. E quais seriam estes locais? Podem ser museus, casas de cultura, monumentos históricos, sítios arqueológicos, praças públicas, colégios antigos, mercados municipais e prédios antigos da cidade. Espaços e locais que podem ser vistos como monumentos e documentos da História (OLIVEIRA, 2008).

Portanto, ao ensinar a história a partir da História local percebemos através das falas dos alunos do ensino médio, da importância de trabalhar os acontecimentos históricos locais dentro e fora da sala de aula contribuem, positivamente, para a formação de sujeitos críticos.

Este estudo também buscou trazer possibilidades de valorizarmos a memória, o patrimônio local, de destacarmos e buscarmos nossa história, a nossa identidade nos grupos em que vivemos, despertar em nós o espírito de pertencimento a esse lugar, a essa História local. Afinal, nós construímos a história da nossa terra, nós fazemos parte dela e ela faz parte de nós!!!

### **Referências bibliográficas**

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Acompanhamento de frequência escolar é melhor desde 2004**. Ministério da Educação. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/bolsa-familia#:~:text=Para%20participar%20do%20Bolsa%2DFam%C3%ADlia,75%25%20da%20carga%20hor%C3%A1ria%20mensal>. Acesso em: 01 dez de 2020.

AMARAL, Claudia; ALVES, Eliseu; JESUS, Elisabete; PINTO, Maria Helena. **Sim, a história é importante!** O trabalho de fontes na perspectiva da educação histórica. 2012. AZEVEDO, Crislane Barbosa. **De Docência em história [recurso eletrônico]: experiências de estágio supervisionado e formação do professor-pesquisador /** Crislane Barbosa de Azevedo, organizadora. – Natal, RN: EDUFRN, 2017.

CARTILHA 2019. **Uso adequado dos Veículos Escolares**. FNDE, 2019. p.10-11.

BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**/José D' Assunção Barros. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Meu lugar na história: de onde vejo o mundo?** In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção: Explorando o ensino. Coordenação: Margarida Maria Dias de Oliveira), p. 59-82.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Notas sobre a demanda sociais de representação e os livros Didáticos de História**. IN: O livro Didático de História: políticas educacionais, pesquisa e ensino. (ORG) Margarida Maria Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamatto. EDUFRN, Natal: 2007.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. *Estágio de docência em História: saberes e práticas na educação para o patrimônio*. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE. Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio Cultural e Ensino de História**. 1 ed. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2014. p.37-51.

MOSS, Débora. **Atividades Extracurriculares. Qual é o Limite?** Revista Crescer-GLOBO. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2016/02/atividades-extracurriculares-qual-e-o-limite.html> Acesso em: 30 Out de 2020.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista. **Patrimônio, memória e ensino de história**.IN: OLIVEIRA, Margarita Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista (ORG). **Ensino de História: Múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal, RN: EDFURN, 2008.p.95-101.

OLIVEIRA, Diana Farias. **Aula Expositiva de novo? Limites e Possibilidades na aula de História**. Natal/RN,2010.

PAIM, Elison Antônio; PICOLLI, Vanessa. **Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios**. História & Ensino, Londrina, v.13, p.107-126, set.2007.  
PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Breves considerações sobre fontes para história da educação**. In: Revista HISTEDBR *On-line*, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Ensino textos e práticas: Ensino de história, instituição escolar e formação docente**. In: História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 151-179, jul./dez. 2015.

RUSEN, Jörn. **Didática - funções do saber histórico**. In: História Viva: teoria da História, formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevan de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.